

Os traços do autoritarismo presentes nos discursos do presidente do Brasil, Bolsonaro

The traits of authoritarianism present in the speeches of the president of Brazil, Bolsonaro

Luiza Fernandes MEDEIROS¹
Vinicius Nogueira SILVA²

Resumo

O presente artigo tem por objetivo fomentar uma discussão sobre os traços do autoritarismo brasileiro, analisando o nacionalismo e a violência como fatores que reforçaram essa linha ideológica na campanha eleitoral 2018 para a presidência. Foram examinados alguns dos principais discursos difundidos por Jair Messias Bolsonaro, partindo da premissa de que ele foi o representante político com maior popularidade da extrema direita conservadora do Brasil, durante esse período, bem como, foi eleito com 55,13% dos votos. Com isso, passou a ser também uma das principais vozes a reproduzir discursos ideológicos autoritários. O estudo tem fundamentação teórica nas obras de CHAÚÍ (2013), SCHWARCZ (2019), ANDERSON (2008) e utiliza-se do método da análise do discurso de três falas do presidente e de revisão bibliográfica.

Palavras-chave: Autoritarismo no Brasil. Nacionalismo. Violência. Ditadura. Eleições presidenciais 2018.

Abstract

This article to promote a discussion about the traits of Brazilian authoritarianism, analyzing nationalism and violence as factors that reinforced this ideological line in the 2018 election campaign for the presidency. Some of the main speeches disseminated by Jair Messias Bolsonaro were examined, starting from the premise that he was the most popular political representative of the conservative extreme right in Brazil, during this period, as well as being elected with 55.13% of the votes. With that, it also became one of the main voices to reproduce authoritarian ideological discourses. The study has theoretical foundations in the works of CHAÚÍ (2013), SCHWARCZ (2019), ANDERSON (2008) and uses the method of discourse analysis and literature review.

Keywords: Authoritarianism in Brazil. Nationalism. Violence. Dictatorship. 2018 presidential elections.

¹ Mestranda em Ciências Sociais e Humanas pelo PPGCISH/UERN. E-mail: luizaf.m@hotmail.com

² Mestre em Ciências Sociais e Humanas pelo PPGCISH/UERN. E-mail: viniciusnogueiraas@gmail.com

Introdução

Para Chauí (2013), os traços do autoritarismo no Brasil foram reforçados com o golpe de estado de 1964. É notório que mesmo décadas após o fim do regime militar, instaurado na época e que perdurou por quase 21 anos, a sociedade brasileira ainda vive em uma cultura autoritária, que se manifesta com diversas roupagens. Entre elas, podemos citar o nacionalismo e a violência, que caracterizam essa ideologia e estão presentes em discursos políticos e midiáticos, sendo reproduzidos pela população.

O nacionalismo pode ser apresentado de diversas formas, especialmente pela ideia de patriotismo da qual tudo se faz para honrar e servir à sua nação. Esse sentimento foi bastante reforçado durante as manifestações pró-impeachment em 2016, contra a então presidenta Dilma Rousseff, e muito disseminado nas eleições para a presidência de 2018, pelo candidato Jair Messias Bolsonaro, que venceu a campanha na época. O verde e amarelo da bandeira representavam aqueles que queriam expulsar uma suposta ameaça de governo comunista que, segundo eles, seria implantado pela esquerda. Desse modo, um dos discursos nacionalistas mais comuns da época era “nossa bandeira jamais será vermelha”.

Baseado no objetivo de colocar o país em ordem e expulsar o que eles acreditavam ser um mal, trazido pelo Partido dos Trabalhadores (PT) durante os anos de mandatos de Dilma e do ex-presidente Lula, os discursos da extrema-direita conservadora foram rapidamente disseminados, especialmente pelas redes sociais. O nacionalismo passa então a se tornar uma forte manifestação do autoritarismo, não só por defenderem fielmente essa ideia de ordem e da existência de um inimigo, mas também por colocarem em risco a democracia por diversas vezes. Além de promoverem a corrosão das instituições democráticas, como a mídia, ainda foram difundidos discursos de ódio contra aqueles que não seguem o mesmo viés ideológico, utilizando tons ameaçadores em grande parte deles.

Chauí (2013, p.168) aponta que a nacionalidade tem tarefas político-ideológicas, como a de “legitimar nossa sociedade autoritária, oferecer mecanismos para tolerar várias formas de violência e servir de parâmetro para aferir ou avaliar as autodenominadas políticas de modernização do país”. A violência não só é tolerada, como é reforçada por meio dos discursos, tendo alvos diversos. Muitos deles incitam o linchamento,

naturalizam o uso de armas pela população e consideram a pena de morte e a agressão como formas de punição para resolver os problemas relativos à segurança pública no país.

Os argumentos são sempre voltados para uma ideia de romper com a existência de um inimigo que afeta a sociedade brasileira, mas apenas com o uso da força. Está presente na cultura autoritária uma ideia de que a nação está tomada pelo medo do mal que foi implantado, devido à falta de ordem e da disciplina. Para BARROCO (2011, p.210) “temos medo de algo real ou imaginário. Quando o objeto do medo é tratado moralmente, torna-se sinônimo do mal” e complementa dizendo que “na luta contra o mal toda moral é suspensa, tudo é válido: o mal acaba justificando o próprio ‘mal’: a morte, a tortura, a eliminação do outro.”

Desse modo, observamos que o nacionalismo e a violência são traços do autoritarismo que estão fortemente atrelados, pois em nome do bem-estar da nação, se reforça a ideia de “retomada da ordem” por meio da violência. Esses discursos estão presentes na mídia, principalmente em jornais sensacionalistas, bem como, são utilizados por muitos políticos como propaganda política para se promover por meio dessas ideias que já estão sedimentadas socialmente, ganhando fácil apoio popular, principalmente por pessoas que se veem em situação de vulnerabilidade e insegurança e se identificam com os discursos de “indignação”, justificando o uso da força como solução.

Tendo isso em vista, o presente artigo tem por objetivo analisar, por meio de um levantamento bibliográfico, como os dois fatores “violência” e “nacionalismo” se integram como traços do autoritarismo brasileiro, que impulsionaram essa ideologia durante a campanha eleitoral 2018 para a presidência. Para isso, também foram analisados três discursos propagados por Jair Bolsonaro, durante esse período, para identificar de que modo esses fatores se manifestaram.

O Nacionalismo

O nacionalismo é uma das características mais presentes nos discursos autoritários, utilizado em diversas situações para justificar atitudes reacionárias e radicais, demonstrando que essa é a forma de trazer um bem para a nação e zelar pela imagem da pátria. Para Chauí (2013, p. 155) a invenção histórica da nação tem a sua data de nascimento colocada por volta de 1830. A autora data ainda três etapas históricas para o aparecimento da nação no vocabulário político. Seriam eles de 1830 a 1880; de 1880 a 1918; e de 1918 aos anos de 1950-1960.

Nessa periodização, a primeira etapa vincula-se nação e território, a segunda a articula à língua, religião e raça, e a terceira enfatiza a consciência nacional definida por um conjunto de lealdades políticas. Na primeira etapa, o discurso da nacionalidade provém da economia política liberal; na segunda, dos intelectuais pequeno-burgueses, particularmente alemães e italianos; e na terceira emana principalmente dos partidos políticos e do Estado. (CHAUI, 2013, p.157)

Foucault (2005, p.138) traz uma ampla explanação sobre nação, citando Sieyes ao afirmar que para haver uma nação, é preciso que haja também leis explícitas e instâncias que as formulem. No caso, a lei e a legislatura são condições formais para que ela exista. Complementa afirmando que para uma nação subsistir, é preciso que haja outras condições, que seriam o trabalho, como a agricultura, o artesanato, a indústria, o comércio. Bem como, há a necessidade de funções, como a justiça, a igreja, e a administração pública.

Anderson (2008), propõe uma definição de nação como sendo uma comunidade política imaginada, limitada e soberana. Imagina porque mesmo os membros das menores nações jamais conhecerão a todos que fazem parte dela, embora tenham uma imagem viva da comunhão entre eles. Limita porque mesmo a maior nação possui fronteiras finitas e mesmo os mais nacionalistas sonham com o dia em que todos os seres humanos irão se unir, de fato, à sua nação. Por fim, ela seria soberana, pois esse conceito nasceu no mesmo período em que o Iluminismo e a Revolução destruíram a legitimidade do rei dinástico hierárquico de ordem divina.

Para o autor, o surgimento de movimentos nacionalistas na Europa, no decorrer da segunda metade do século XIX, foram frutos tanto do capitalismo como dos estados dinásticos. E que o “nacionalismo oficial” se desenvolveu em reação aos movimentos nacionais populares que proliferavam na Europa desde os anos 1820, que vieram após nacionalismos linguísticos populares. Ele afirma que esses nacionalismos oficiais eram constituídos por políticas conservadoras, reacionárias, adaptadas do modelo dos nacionalismos populares. Como por exemplo:

O êxito espetacular do exército japonês (na base do alistamento obrigatório) contra a China em 1894-95 e da marinha contra a Rússia czarista em 1905, e mais a anexação de Taiwan (1895) e da Coreia (1910), todos propagandeados através das escolas e da imprensa, foram de imensa valia para criar a impressão geral de que a oligarquia conservadora era uma representante autêntica da nação, enquanto os japoneses começavam a se imaginar membros dela. Esse nacionalismo assumiu um caráter imperialista agressivo, mesmo fora dos círculos

dirigentes, o que pode ser explicado por dois fatores: a longa herança isolacionista e a força do modelo nacional oficial. (ANDERSON, 2008, p. 144)

Algumas manifestações do nacionalismo oficial, com traços do autoritarismo e conservadores foram fortemente reproduzidos no Brasil, mesmo após a ditadura militar, que foi marcada por esses ideais. Eles foram impulsionados após diversos escândalos de corrupção descobertos entre as décadas de 2000 e 2010. Um deles foi a operação Lava Jato, que envolveu a investigação de uma série de crimes – como superfaturamento, lavagem de dinheiro e pagamento de propinas –, e foi conduzida pela Polícia Federal, no ano de 2014. O Partido dos Trabalhadores (PT) estava diretamente envolvido nos desvios de dinheiro, o que fez com que Dilma Rousseff, então presidente do Brasil pelo partido na época, se tornasse alvo de críticas e ataques diversos, mesmo nunca tendo sido condenada por nenhum deles.

Os escândalos foram o estopim para o início de diversos movimentos em que o verde e amarelo – cores que representam a bandeira do Brasil –, se tornaram símbolos. A justificativa era de que o Brasil precisava mudar de cenário político para progredir e eliminar a corrupção. Logo após as eleições de 2014, das quais Dilma se reelegeu, iniciou-se uma série de questionamentos sobre sua vitória, bastante incitados pelo deputado Aécio Neves, que também disputava a corrida presidencial e chegou a ir para o segundo turno, perdendo por um pequeno percentual de votos.

Diversas pessoas foram às ruas pedindo pelo impeachment da então presidenta. Coreografias eram encenadas pelas ruas e panelas eram batidas das janelas de apartamentos por todo o país. Dilma teve o seu mandato cassado em agosto de 2016, em um processo que durou em torno de oito meses, e a acusava de ter cometido crime de responsabilidade. A administração do governo foi então assumida pelo seu vice, Michel Temer, que representava o Movimento Democrático Brasileiro (MDB). Ele também teve seu nome envolvido em escândalos de corrupção, assim como Aécio Neves, após o período do impeachment.

Mesmo após a saída de Dilma da presidência, os movimentos nacionalistas ainda se mantiveram fortes, especialmente no ano de 2018, durante a paralisação dos caminhoneiros, que manifestaram sobre o preço da gasolina. A indignação foi um dos principais sentimentos que impulsionaram os movimentos nacionalistas, diante da corrupção, desemprego e a violência, por exemplo. Três fatores foram bastante reforçados

nos discursos políticos da extrema-direita, como estratégia de persuadir o eleitorado, que se sentia/sente afetado, diante das dificuldades econômicas e sociais vivenciadas.

Outras argumentações de apoio aos setores empresariais também eram reproduzidas, como uma forma de afirmar a abertura e o crescimento de empresas, mesmo que algumas ações causassem impactos na classe trabalhadora de forma negativa. Esse discurso também se encaixava dentro do parâmetro do nacionalismo, pois era uma maneira de afirmar o compromisso com o país, como salvadores da pátria, que libertariam o Brasil da ameaça comunista. Discursos com propostas radicais – como o armamento para resolver o problema da violência, mesmo ignorando os riscos que isso causaria –, eram constantemente difundidos. Bem como, o uso de gatilhos que chamavam a atenção e faziam a população acreditar que esse seria o caminho para solucionar emergencialmente os problemas do país, ignorando qualquer processo de estudo/construção de medidas realmente efetivas.

Foi criada a construção de um inimigo, para logo depois apresentar-se como solução que salvaria a pátria de todo o mal. Ao retratar sobre um nacionalismo autoritarista no Brasil, Andrade (2019, p.59) inicia citando que: “tendo em vista a história recente do Brasil, é possível perceber a adoção de um favoritismo às tendências nacionalistas e autoritárias, seja por meio de discursos oficiais, debates cotidianos, e/ou nas grandes mídias”. Esses discursos tiveram como grande porta-voz o presidente Jair Messias Bolsonaro, que reforça o nacionalismo oficial caracterizado com o autoritarismo.

A violência como característica do autoritarismo

Assim como o nacionalismo legitima o autoritarismo, sendo um dos discursos mais reproduzidos para a ascensão dessa ideologia no Brasil, a violência ajuda caracterizá-lo, sendo naturalizada para a “punição”, a “correção” e utilizada como forma de demonstração de poder. Essa violência se apresenta de diversas formas, seja de forma simbólica, bastante reproduzida por meio de discursos, bem como, da própria agressão física ao corpo. Os alvos são da população mais pobre, mulheres, negros e LGBTQIA+, que se tornam vítimas frequentes de repressões e crimes, como assassinatos, estupros, espancamentos, entre muitos outros. As desigualdades sociais não só fazem parte de uma sociedade autoritária, como impulsionam a violência contra as minorias.

O conservadorismo, como característica fundamental do autoritarismo, tenta ditar sobre o que é correto ou não, o que é de bem e do mal, a partir de concepções elitistas,

racistas, homofóbicas e machistas, em que é preciso seguir “os bons e velhos costumes”. Ele impõe padrões de comportamentos e pensamentos que reforçam a ideia de um inimigo da sociedade que, normalmente, se trata daquele que se recusa a agir da mesma maneira. Portanto, aqueles que não se enquadram em parâmetros políticos e ideológicos desse conservadorismo, tendem a sofrer com essas repressões, pois o autoritarismo reforça a ideia de que a violência é o caminho para consertar quem não é considerado como “cidadão de bem”.

Foucault (2014) retrata sobre as formas de punição do século XVIII em que o povo logo aprendeu a vingar com sangue os crimes cometidos. Ele defende a punição da justiça criminal e não a vingança, respeitando a humanidade, não necessariamente ao encontrá-la no criminoso, mas no controle necessário dos efeitos de poder. Podemos afirmar que a ideia de vingança baseada no ódio e na necessidade de sangue ainda é bastante comum no século XXI no Brasil, reforçada pela mídia sensacionalista que, ao reproduzi-la, visualiza como uma forma de prender a atenção de um público que já compartilha dos sentimentos de revolta.

Essa “vingança” é a impulsionadora de diversos atos de violência no país, desde aqueles em que o marido chega a espancar e/ou assassinar a esposa, como uma forma de “punição”, por achar que ela precisa ser submissa a ele, bem como, de homicídios e/ou torturas entre indivíduos que fazem parte de facções criminosas opostas, e promovem uma “guerra” dentro dessa disputa. Fazer justiça com as próprias mãos, seja por motivos extremamente banais, é um pensamento bastante sedimentado na sociedade brasileira e é reforçado constantemente entre os muitos discursos autoritários difundidos diariamente.

O uso da arma de fogo, como forma justificativa de defesa pessoal, diante dos crescentes índices de criminalidade no país, também é um tipo de discurso autoritário que busca encobrir os problemas que isso causaria na sociedade. Ele foi utilizado como propaganda política durante a campanha de Jair Bolsonaro para a presidência, em 2018. A violência no Brasil se apresenta sob muitas faces, e a sensação de indignação e impunidade, perante um sistema judiciário falho, é o gatilho para que a fomentação de um ódio que alimenta e justifica outras formas de violência, a condena, vigia e pune de forma sangrenta:

Enfim, o crescimento da criminalidade, letal ou não, tem gerado o aumento da sensação de impunidade entre os brasileiros que vivem nas cidades. Também explica, em parte, a guinada autoritária que o país vem conhecendo nestes últimos anos. Para acabar com a violência, os eleitores exigem medidas igualmente violentas. SCHWARCZ (2019, p. 147)

Lilia Schwarcz (2019) afirma que saídas imediatista têm a capacidade de acalmar a população, mas não dão conta de enfrentar os desafios estruturais que envolvem a realidade da violência, como a “desigualdade social, a formação educacional deficiente, a crise econômica, a recessão, a corrupção, o desemprego e também a ineficiência policial, bem como os problemas apresentados em programas estaduais de redução de criminalidade [...]”. Esses discursos de ódio tendem a ganhar força, justamente por se apoiarem nas dores da população, que se sente desassistida. São apresentados como solução para o problema que envolve a violência. Mas esse é um modo de pensar antigo, que vem se perpetuando pela ausência de melhorias diante da situação de insegurança. Políticos como Bolsonaro se alimentam dessas dores para incitar o ódio, por meio de discursos autoritários, que validam a violência e fazem o eleitorado acreditar que isso é pelo bem maior e pela defesa da nação.

Análise dos discursos bolsonaristas

Ao longo de toda a sua campanha presidencial, em 2018, Jair Messias Bolsonaro propagou ódio através dos seus discursos, reforçando conceitos racistas, lgbtfóbicos e machistas, além de toda a defesa do uso da força para combater a violência que assola o país. As minorias são sempre os alvos de seus ataques, com ideias conservadoras e autoritárias, que ferem os direitos humanos em diversos momentos, minimizando as dores e lutas de populações que sofrem com as desigualdades, preconceitos, violências, marginalizações, entre outros muitos problemas estruturais que afetam suas vidas cotidianas.

O presente artigo se propõe a analisar a maneira como a violência e nacionalismo, se integram como traços do autoritarismo brasileiro, impulsionando essa ideologia, que ganhou força durante a campanha eleitoral de 2018, resultando na vitória de Bolsonaro, que atualmente é também o principal representante da extrema-direita conservadora. Foram analisados três vídeos contendo falas do então presidente, disponíveis na plataforma do YouTube. Falas essas que defendem e enfatizam o nacionalismo e a violência.

Figura 1 – “Vamos fuzilar a petralhada”



Fonte: Portal360 no YouTube. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=p0eMLhCcbyQ>

Em um primeiro vídeo, publicado pelo canal Poder360, Bolsonaro faz uma “brincadeira”, que se manifesta como uma ameaça aos eleitores do PT. Na ocasião, que se tratava de comício eleitoral, em prol da sua campanha, realizado no dia 1º de setembro de 2018 no Acre, o político afirma em tom de ironia e sob risadas, que irá “fuzilar a petralhada”. Ele prossegue afirmando que “vamos botar esses picaretas para correr do Acre, já que eles gostam tanto da Venezuela, essa turma tem que ir para lá, só que lá não tem nem mortadela, hem galera?!”.

Ao longo do vídeo, que tem uma duração de 37 segundos, o presidente segura um tripé – equipamento utilizado como suporte para câmeras fotográficas –, em uma posição que faz referência a uma arma metralhadora. Ele faz incitação à violência, além de demonstrar intolerância e autoritarismo, ao incentivar que se deve expulsar e metralhar aqueles que são seus inimigos, no caso, os eleitores/políticos do Partido dos Trabalhadores (PT). Sua atitude se demonstra completamente antidemocrática e agressiva, repercutindo como uma verdadeira ameaça para os seus opositores.

Figura 2 – Bolsonaroistas fazem o “Brasil de verdade”



Fonte: Jair Bolsonaro em YouTube. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=H9wxneOnIOI>

Em outro vídeo, disponível no seu canal oficial do YouTube, Jair Bolsonaro aparece fazendo uma transmissão ao vivo para os seus apoiadores, que se encontravam na Avenida Paulista, no dia 21 de outubro de 2018, em um ato a favor do candidato, atual presidente. Ele reforça ideais nacionalistas, ao afirmar que seus eleitores são os fazem parte do “Brasil de verdade” e que juntos construirão uma nova nação. Novamente ele age de maneira antidemocrática, afirmando que será feita uma “faxina” no país, da qual as pessoas que fazem parte da oposição, se quiser permanecer no país, terão que se colocar sobre a lei deles, pois “ou irão para fora, ou irão para a cadeia”.

Aponta seus opositores como marginais vermelhos (que na sua visão são os comunistas infiltrados no Brasil), que deverão ser banidos da pátria, que ele afirma ser “nossa”, se referindo a ele e seus apoiadores. E que a oposição não faria parte dela. Bolsonaro também se apresenta como herói de modo indireto, ao afirmar que os seus eleitores estão salvando a pátria ao votarem nele. Nesse vídeo ele volta a chamar os eleitores do PT de “petralhada” e reforçar que eles não terão mais espaço no país, e que ele fará uma limpeza no Brasil. Também ameaça os integrantes do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), afirmando que pretende tipificar as ações deles como terrorismo, e ainda os chama de bandidos.

Ainda faz ataques à imprensa, ameaçando a Folha de São Paulo. Mesmo após vários ataques à democracia, ela afirma que seu objetivo é defendê-la, agindo de forma totalmente contraditória com as suas falas e ações cotidianas. Ao finalizar o discurso para

os seus eleitores, ele cita o slogan de campanha, que é “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos”, reforçando mais uma vez o nacionalismo que é bastante presente em seus ideais. É perceptível o quanto ele se utiliza da imagem de um inimigo da nação, que deve ser combatido, como forma de salvar o Brasil, e logo após se lança enquanto herói para realização desse feito. Além disso, utiliza ameaças constantes aos seus opositores, insinuando que eles devem ser expulsos do país ou serem presos.

Figura 3- Jair Bolsonaro sobre ditadura: “Nós tínhamos o direito de ir e vir”



Fonte: Canal RedeTV em YouTube. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=ImtDtmLhcqY>

A emissora nacional de canal aberto, RedeTV, realizou uma entrevista com Jair Bolsonaro, que foi disponibilizada no YouTube no dia 07 de julho de 2018. Na ocasião, a jornalista Mariana Godoy, que o entrevistava, questionou sobre a opinião do político sobre condenação do Brasil pelo assassinato jornalista Vladimir Herzog, considerado pela Corte Interamericana de Direitos Humanos (CIDH) como um crime contra a humanidade. Mesmo após a informação repassada por Mariana, ele insiste em dizer que o caso se tratava de um suicídio e não um homicídio. Além disso, ainda insinua que não houve ditadura, pois havia a liberdade de ir e vir, minimizando qualquer impacto e ato de violência, mortes e torturas que ocorreram no período do regime militar.

Bolsonaro reforça que a lei da anistia, assinada em 28 de agosto de 1979, pelo então presidente João Baptista Figueiredo, deveria ser respeitada. Essa lei tinha o objetivo de conceder perdão para os perseguidores políticos. Uma fala extremamente grave e antidemocrática, pois minimiza toda a crueldade que foi cometida pelos militares durante

a ditadura. Ele finaliza seu raciocínio diante do questionamento, afirmando que a imprensa, em especial o jornal “O Globo” constantemente divulgava matérias que indicavam uma possível volta ao regime militar, com a vitória de Bolsonaro para a presidência. Ele reconhece que concorda em partes com isso, dizendo a seguinte frase: “pode ter certeza. O que vai voltar é o respeito, a ordem, serei radical com a corrupção. Não aceitarei essa ideologia de esquerda aqui dentro. Vamos combater a Folha de São Paulo”. Novamente, é possível observar seus atos de ameaças às instituições democráticas.

Considerações finais

Ao longo do trabalho, foi possível compreender como o nacionalismo e a violência se constituem como fatores que integram o autoritarismo. Isso porque, “nacionalismo oficial”, apontado por Anderson (2008) como reacionário, tende a trazer a ideia de um inimigo da pátria, que será combatido por meio de atos radicais e agressivos, sendo a violência uma das armas para exterminá-los e puni-los. Esse nacionalismo toma uma forma populista, para ganhar o apoio nacional e se propagar rapidamente.

Também foram apresentados alguns acontecimentos políticos ocorridos no Brasil, ao longo da década de 2010-2020, que reforçaram esse “nacionalismo oficial”. Os inimigos, então, eram os que vestiam vermelho, os comunistas, petistas e todos aqueles que compõem as políticas da esquerda. Todo esse discurso culminou em um radicalismo da extrema-direita que garantiu a vitória de Jair Messias Bolsonaro à presidência, no ano de 2018. Ao analisar as falas dele, é possível observar a incitação ao ódio contra esses inimigos, que ele chama de “petralhada”, como forma de limpar a nação.

O presidente se alimenta das dores da população com problemas estruturais da sociedade, como a corrupção, para garantir ações radicais que a combatam. Nos três vídeos, utiliza falas que atacam a democracia de diversas formas. E mesmo proferindo frases de violência como “fuzilar essa petralhada”, minimiza as ações dos militares no regime de 1964, defendendo que os crimes cometidos por eles deveriam ser deixados no passado, por não serem mais importantes para o presente. Faz ataques à imprensa e a todos aqueles que discordam de seus ideais. Incita a violência como forma de defender a pátria do mal, mas desconsidera que suas falas e ações ferem os direitos humanos e a democracia do país, colocando em risco qualquer pessoa que se oponha ao seu pensamento.

Referências

ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas**: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ANDRADE, Sandy M. “**O(s) malvado(s) favorito(s)**”: pensamentos nacionalistas autoritários analisados por Boris Fausto. *Das Amazônias*, v.2, n.1, p. 59-65, 2019.

BARROCO, M. L. S. **Barbárie e neoconservadorismo**: os desafios do projeto ético-político. *Revista Serviço Social e Sociedade*, São Paulo: Cortez, n. 106, p. 205-218, abr./jun., 2011.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**. Tradução de Maria Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

Jair Bolsonaro sobre ditadura: “Nós tínhamos o direito de ir e vir”. RedeTV, 2018. YouTube (03:11). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ImtDtmLhcqY>. Acesso em: 13 de mar. 2021.

No Acre, Bolsonaro fala em 'fuzilar a petralhada' e enviá-los à Venezuela. Poder360, 2018. YouTube (00:37). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=p0eMLhCbyQ>. Acesso em: 13 de mar. 2021.

ROCHA, André (Org.). **Marilena Chauí**: manifestações ideológicas do autoritarismo brasileiro. Belo Horizonte: Autêntica; São Paulo: ABRAMO, 2013.

SCHWARCZ, L. M. **Sobre o autoritarismo brasileiro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

Via transmissão de celular, Bolsonaro fala com população na Av. Paulista. Jair Bolsonaro, 2018. YouTube (10:41). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=H9wxneOnIOI>. Acesso em: 13 de mar. 2021.